

Processo de escrita de uma webaula: proposta de classificação das etapas da produção textual

Nukácia Araújo
Universidade Estadual do Ceará
Débora Hissa
Universidade Estadual do Ceará

Title: *Webaula's writing process: proposed classification of stages of textual production*

Abstract – *This article aims to describe the process of writing genre webaula from the underlying production activity written interactional processes in order to submit a proposal for division of the stages of textual production that collaborate to train teachers in EaD. From a case study, we propose to divide the writing process into five levels: 1. Single didactic production; 2. collaborative didactic production; 3. mediated didactic production; 4. post-intervention didactic production (rewrite); and 5. multimodal production. These levels were established considering three principles of production: pedagogical and narrative; aesthetic-linguistic; aesthetic and multimodal (ALMERANA, 2011). This classification allows subject-authors understand the stages of the didactic writing process in distance education and modes of participation of subjects-authors (counterparts) in incorporating reflective procedures necessary for the production of a gender webaula as collaborative writing.*

Keywords: *writing process. Discursive genre. Webaula. Subject-authors*

Resumo – *Este artigo tem como objetivo descrever o processo de escrita do gênero webaula a partir dos processos interacionais subjacentes à atividade de produção escrita, a fim de apresentar uma proposta de divisão das etapas da produção textual que colabore para a formação de professores autores em EaD. A partir de um estudo de caso, propomos a divisão do processo de escrita em cinco níveis de produção: 1. produção didática individual; 2. produção didática colaborativa; 3. produção didática mediada; 4. produção didática pós-intervenção (reescrita); e 5. produção multimodal. Estes níveis foram estabelecidos considerando-se três princípios de produção: pedagógico-narrativos; estético-linguísticos; estético-multimodais (ALMERANA, 2011). Esta classificação permite que os sujeitos-autores compreendam as etapas do processo de escrita didática em EaD, bem como os modos de participação dos sujeitos-autores (interlocutores) na incorporação de procedimentos reflexivos necessários à produção de uma webaula como gênero de escrita colaborativo.*

Palavras-chave: *processo de escrita. Gênero discursivo. Webaula. Sujeitos-autores.*

Introdução

Em Educação a Distância (EaD), é a partir do processo de negociação e de atribuição de sentidos estabelecido nas interações verbais entre professores-conteudistas, designers educacionais, revisores textuais, diagramadores e ilustradores que se estabelecem as bases de escrita do texto didático realizado em um gênero discursivo essencial em EaD, a webaula. A participação de cada um desses sujeitos influencia o processo de escrita. Este processo, por sua vez, possibilita a reversibilidade de papéis e permite que os sujeitos, durante a ação de analisar, reestruturar, negociar sentidos, mediar diálogos, se apropriem de um novo modo de lidar com leitura e com escrita.

As webaulas são o principal material didático na Educação a Distância. Por meio delas, professores e alunos se encontram para realizar atividades síncronas e assíncronas, auxiliados pelos recursos hipertextuais e multimodais disponíveis nos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA). Trata-se, portanto, de uma nova forma de ensino que permite interatividade, comunicação, aplicação do conhecimento e avaliação, em que se simula uma aula presencial, utilizando-se de forma mais ampla e intensiva das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC).

Numa definição inicial, podemos dizer que a webaula é uma aula que acontece via web –, um gênero textual que, por ser próprio de ambientes virtuais, apresenta características típicas dos textos constituídos nesse espaço de interação. Embora se constitua ferramenta principal do ensino a distância e, por esse motivo, já amplamente utilizada nos cursos ofertados nessa modalidade, sua definição e seu processo de elaboração ainda não são discutidos e difundidos na mesma proporção da sua propagação.

A webaula, como um dos principais materiais didáticos utilizado em EaD na atualidade, reflete a proposta didática previamente definida pelos cursos de Educação a Distância de cada instituição de ensino, por isso deve estar em sintonia com o enfoque didático apontado no projeto educativo da instituição que trabalha com Material Educacional Digital (MED). Neste sentido, o processo de produção da escrita tem um papel fundamental para o ensino-aprendizagem em EaD. Em função disso, a construção da webaula – considerando-se seu próprio conteúdo, as tarefas e atividades propostas associadas a ela; os recursos multimodais interativos utilizados; a linguagem dialogal utilizada – deve ser pensada de forma a promover a realização do projeto de dizer pensado pelos (inter)locutores responsáveis pelo processo de escrita e a auxiliar na leitura/compreensão de texto didático pelos interlocutores finais, os alunos. Do contrário, corre-se o risco de se desenvolver uma webaula cheia de recursos multimodais e hipertextuais que em nada facilitem a aprendizagem.

Neste artigo, veremos quais são as formas de interação entre os sujeitos-autores durante o processo de escrita da webaula, como esta interação acontece e como é possível descrever a negociação de sentidos. Temos como objetivo apresentar uma proposta de divisão do processo de escrita em níveis nos quais se articulam as distintas linguagens interpostas numa escrita colaborativa e descrever os modos de participação dos sujeitos-autores na construção da webaula. Para isso, fizemos um estudo de caso do processo de escrita do gênero webaula no formato de e-book, na disciplina de Português Instrumental, do curso de Especialização em Docência e Currículo desenvolvido pela Diretoria de Educação a Distância do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).

A fim de apresentar a proposta de divisão das etapas do planejamento da produção textual e analisar como ocorre a negociação de sentidos entre os sujeitos envolvidos no processo

de escrita multimodal para a EaD, dividimos este escrito em três partes principais: na primeira, discutimos resumidamente o conceito de webaula; na segunda, apresentamos algumas perspectivas teóricas sobre o escrita colaborativa em EaD; na última parte apresentamos o estudo de caso, fazemos a proposta de divisão da escrita em níveis e descrevemos a interação entre os sujeitos-autores no processo de escrita da webaula.

Webaula: considerações iniciais sobre a produção textual

Antes descrevermos o processo de produção do material didático no contexto da EaD, discutiremos o conceito de webaula. A webaula trata-se de um gênero discursivo de escrita colaborativa próprio de ambientes virtuais de aprendizagem cuja produção escrita envolve vários atores e apresenta características típicas dos textos constituídos nesse espaço de interação (ARAÚJO, HISSA, ZAVAM, 2013). Este gênero reúne características do gênero oral aula, de gêneros escritos de cunho didático (a própria escrita didática) e de gêneros que circulam no domínio hipertextual (aspectos multimodais e hipertextuais) (ARAÚJO, HISSA, ZAVAM, 2013). Como gênero do discurso, se realiza em um ambiente virtual de aprendizagem (AVA), no qual interagem estudantes e professores por meio do material escrito na forma de webaula, constituindo-se este um novo cenário para a comunicação didática, em que interagem sujeitos envolvidos no contexto de ensino-aprendizagem em EaD.

Para Batista (2006), um ambiente virtual de aprendizagem constitui um espaço propício para que os estudantes obtenham meios didáticos e recursos interativos para interagir e realizar atividades cujas metas e propósitos educativos foram previamente estabelecidos ainda na fase inicial de pré-produção escrita da webaula. O autor ressalta que, enquanto em uma aula presencial a interação é predominantemente oral; em uma webaula a interação se dá de modo predominantemente escrito.

No caso da webaula, tem-se um gênero híbrido, composto de textos multimodais – o próprio texto escrito principal que, por meio de links ou de inserções no próprio corpo do texto, apresenta também, por exemplo, imagens estáticas ou em movimento, sons, etc. – e de outros gêneros típicos da modalidade EaD, tais como fóruns, listas de discussão, wikis, chats educacionais, entre outros (ARAÚJO, HISSA, ZAVAM, no prelo).

Sobre a produção escrita da webaula, Hueros e Franco (2011) salientam que essa produção depende de vários fatores. Segundo eles, o processo de produção ocorre em três fases: fase inicial, na qual se planejam os objetivos e a finalidade da webaula (no IFCE, essa fase é chamada de produção da matriz do design educacional); fase de design e documentação (no IFCE, chama-se fase de escrita verbal e multimodal da webaula) e fase de realização e de postagem da webaula no AVA que é concluída com uma análise do seu funcionamento e operacionalidade (no IFCE, fase da diagramação e postagem no Moodle). Hueros e Franco ressaltam que na produção de webaulas deve-se aproveitar ao máximo a tecnologia hipermídia e as ferramentas de comunicação disponíveis no AVA, a fim de otimizar o processo de ensino-aprendizagem.

Ainda no que se refere à produção de uma webaula, Almenara (2011, p. 219), descreve dois diferentes princípios para se considerar a produção de materiais didáticos para a EaD: pedagógico-narrativo, que se refere à escrita do conteúdo, e estético-técnicos, que se refere à inserção dos elementos multimodais no conteúdo verbal já produzido. Para este autor, a produção de uma webaula adequada dependerá em maior medida dos princípios pedagógico-narrativos que, por sua vez, dependerão da concepção contextual e científica que se tem em conta na hora da produção da webaula. Almenara salienta que a produção de materiais para o Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) é totalmente diferente da criação de textos planos, isto é, de textos criados para o meio impresso. Para ele, a webaula deve incluir diferentes elementos que vão desde a exposição dos objetivos que o professor pretende que o

aluno alcance; o esquema dos conteúdos a desenvolver na webaula (uma espécie de sumário); a existência de uma introdução e apresentação de recomendações para o estudo; a proposta de atividades que os alunos devem realizar; a existência de elementos de aprofundamento e extensão dos conteúdos oferecidos; sumário das ideias mais significativas desenvolvidas na webaula; e resumo dos aspectos mais importantes tratados. Porém, todos estes aspectos parecerem mais uma descrição das etapas de construção de um texto didático impresso do que de uma webaula como gênero discursivo como concebemos. Não há menção das potencialidades que esse gênero propicia para que haja sequer uma diferença substancial entre a webaula e uma aula no meio impresso.

Rodríguez de las Heras (2002) afirma que é preciso seguir duas novas regras que dizem respeito à incorporação do texto para um novo espaço de interação como o AVA: 1º) não transferir para a tela atividades que se realizem em outros meios sem aplicar mudanças severas que as reajustem para o novo suporte; e 2º) explorar o que o AVA traz de novidade, de recursos, de ferramentas e descobrir aquilo que os outros suportes de texto não podem oferecer (*affordances*).

Atualmente, cada instituição de ensino superior que trabalha com EaD tem seu próprio modelo de produção do material educacional digital, que muitas vezes muda de acordo com os modos de criação e utilização. Atualmente há quatro possibilidades de criação/utilização de aulas no AVA: 1) utilizam-se materiais que não foram criados especificamente para a EaD. Esse material tal e qual figura no modelo impresso¹ é transferido para o Ambiente Virtual de Aprendizagem; 2) adaptam-se para o AVA materiais didáticos que não foram criados especificamente para EaD; 3) utiliza-se como webaulas material originalmente criado para EaD, porém que foi produzido por outra instituição de ensino que não aquela em

¹ Nesse caso, o material originalmente foi elaborado para mídia impressa, no modelo Word ou PDF, e há a simples transposição para a tela em formato web.

que é usado o material; e 4) elabora-se o próprio material didático pela instituição em que será utilizado (o que acontece no IFCE, nosso contexto de análise). Veremos no próximo tópico como são as etapas do processo de escrita de uma webaula no IFCE, quem são os sujeitos-autores e as formas de negociação de sentido para a escrita colaborativa desse gênero discursivo.

Webaula: produção escrita colaborativa

Produzir uma webaula significa escrever com os vários sujeitos-autores que estão diretamente ligados ao processo de produção. Aretio (2011) explica que, na produção dos materiais para a EaD, tem-se um *continuum*, no qual, em um extremo, situa-se o professor-autor (aquele que trabalha individualmente e que não tem os conhecimentos precisos sobre a metodologia em EaD); enquanto, no outro extremo do *continuum*, encontra-se a equipe multidisciplinar (com especialistas de diferentes âmbitos que irão confluír na elaboração de webaula). Aretio explica que, se o professor-autor escrever sozinho o material didático que será postado na forma de uma webaula – ou seja, escrever sem a colaboração da escrita da equipe multidisciplinar –, serão desconsideradas as peculiaridades dos recursos de uma escrita multimodal própria de EaD. Para Aretio, este escrito, embora pudesse ter um formato tanto impresso quanto eletrônico, poderia até ser bom, do ponto de vista do conteúdo, porém serviria mais como um apoio para o ensino presencial do que como uma webaula. Em resumo, assumindo-se o ponto de vista do autor, a adequada escrita em EaD necessariamente precisar ser colaborativa.

Para explicar o processo de escrita colaborativa em EaD, Aretio (*op.cit.*) destaca que, enquanto no ensino presencial o professor organiza, produz, distribui, desenvolve e avalia ao longo de todo o processo de ensino-aprendizagem; em EaD, o professor nunca é um, uma vez que são diversos os agentes que intervêm no processo de ensinar e aprender, até o ponto que chegamos a reconhecer a instituição, mais do que o professor,

como responsável por ensinar, ou seja, é a instituição (os sujeitos-autores) que organiza, produz, desenvolve todo o processo de aprendizagem dos estudantes.

O ponto de vista de Aretio sugere pensar EaD e ensino presencial numa visão dicotômica. Acreditamos ser este um equívoco. Ao contrário do citado autor, vemos que as modalidades apresentam aspectos semelhantes e aspectos diferentes. Mas não se opõem necessariamente. No que diz respeito à produção de material didático, ao contrário do que afirma Aretio, há também uma equipe que auxilia na confecção do material para a modalidade presencial. Essa equipe, no entanto, normalmente trabalha com produção de impressos, sem recursos tecnológicos, portanto, e normalmente também não está na instituição em que o material é utilizado. A diferença que acreditamos ser essencial na produção de um e outro material é o papel do professor como produtor do próprio material.

Em EaD, o processo de ensino-aprendizagem se dá principalmente pela escrita, melhor dizendo, se dá pela interação que o aluno faz com o material educacional digital. Para Asinsten (2007) a linguagem escrita é a principal ferramenta de comunicação de conteúdos em EaD. O autor é enfático ao dizer que, “façam o que façam, o peso principal do material didático em EaD recai sobre os documentos textuais escritos” (idem, p.57). Sendo assim, os sujeitos-autores devem adquirir novas habilidades para conseguirem êxito na produção colaborativa de uma webaula. A estas habilidades Asinsten chamou de novas competências. Ele dividiu estas competências em três grandes grupos: competências pedagógicas, competências comunicativas e competências tecnológicas. A escrita de uma webaula faria então parte da competência comunicativa. Daremos ênfase neste estudo à descrição dessa competência.

Asinsten (2007) dividiu a competência comunicativa em três grupos: 1. Competência na produção de texto, 2. Competência em comunicação com recursos multimodais e 3. Competência em comunicação utilizando as novas tecnologias.

Figura 1. Competências Docentes em EaD estabelecidas por Asinsten (2007)



No que se refere à competência na produção de textos, Asinsten a caracteriza como a capacidade para a) produzir textos dialógicos, abertos à reflexão, à dúvida, ao pensamento crítico; b) produzir textos amenos, fluídos, que envolvam o autor e o leitor; c) produzir períodos claros, taxativos e sintéticos; d) estruturar e organizar adequadamente a informação; e) utilizar os recursos visuais disponíveis (tipografia, formatos de parágrafo, quadros, barras, etc.); f) produzir textos adequados ao gênero. Já sobre a competência comunicativa com recursos multimodais, o autor explica que se trata da “interpretação e produção de mensagens” utilizando-se recursos não verbais nem escritos. Como exemplo dessa competência, aponta as capacidades de selecionar imagens adequadas para os propósitos do texto; de produzir ou manipular imagens; de integrar mensagens de diversos sistemas de códigos em linguagem multimodal; de adequar mensagens audiovisuais às características de diversos suportes, etc. Finalmente a competência em comunicação utilizando as novas tecnologias seria aquela que o sujeito-autor faz quando se mostra letrado digitalmente², melhor ainda, quando utiliza os gêneros que pertencem ao contexto de uma webaula de forma eficiente.

² Tomamos esta competência como Letramento Digital em EaD.

O que podemos observar de contínuo na análise dos autores que estudam o processo de escrita de Material Educacional Digital em EaD (mais especificamente a escrita da webaula) é que todos descrevem o processo dividindo-o em fase distintas nas quais confluem sujeitos que possuem diferentes letramentos digitais. Batista (2001) deixa claro que o processo de escrita em ambientes virtuais de aprendizagem é uma tarefa particularmente interdisciplinar na qual é necessária a participação de especialistas em três âmbitos diferentes do conhecimento: 1°. especialistas no tema da webaula, para definir e hierarquizar os conteúdos; 2°. especialista em educação, para estudar e estabelecer as estratégias de escrita adequadas para a aprendizagem; e 3°. especialistas em designer de interface, para propor o melhor uso dos recursos disponíveis no AVA, a fim de garantir uma navegação adequada e uma boa apresentação da informação.

Esta confluência de sujeitos-autores é a base do processo de escrita em EaD, uma vez que se está desenvolvendo uma atividade social cuja colaboração, o diálogo e a interação configuram-se ações interdependentes para que se tenha unidade na construção textual. No próximo tópico, descreveremos as etapas do processo de produção de uma webaula e proporemos uma divisão dessas etapas, a fim de compreender os modos de participação dos sujeitos-autores e a organização desse gênero de escrita colaborativa.

Webaula: etapas de produção escrita

Nesta seção, descrevemos uma webaula de Português Instrumental produzida pelo Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará (IFCE), no âmbito do curso de Especialização em Docência e Currículo, que tem como interface no AVA o e-book interativo. A webaula foi desenvolvida a partir de um trabalho conjunto feito pela equipe multidisciplinar da Diretoria de Educação a Distância do IFCE (<http://dead.ifce.edu.br>), formada por professores especialistas no conteúdo das disciplinas, designers educacionais, revisores, ilustradores e diagramadores.

Na análise do processo de produção da webaula, vimos que um dos aspectos que podem contribuir para a estrutura adequada é o planejamento da escrita. Ele deve passar pelos aspectos composicionais do texto, que dizem respeito à sua estrutura; pelo conteúdo temático, que se refere ao estabelecimento de propósito comunicativo; e pelo estilo e adequação do texto, considerando-se o propósito e a audiência (os leitores) a quem se destina.

A produção propriamente dita da webaula surge a partir dos pressupostos estabelecidos na Matriz do Design Educacional (Matriz DE). Nesta matriz, estabelece-se a metodologia de produção escrita (como se organizará o processo de escrita colaborativa?); os sujeitos-atores envolvidos (quem escreverá a webaula?); os objetivos (para que se produz este material? Quais propósitos educativos/formativos/instrutivos a cumprir?); e os conteúdos da webaula (que aspectos curriculares a webaula deve cumprir?). Na matriz DE, também se definem os destinatários (como são e o que sabem os alunos que terão acesso à webaula?); estima-se a carga-horária (qual tempo é disponibilizado para que os alunos atinjam os objetivos previstos?), enfim, pensa-se globalmente a webaula. Esta matriz é feita colaborativamente.

Depois de pronta, a matriz é encaminhada para o professor-autor, que é chamado no IFCE de professor-conteudista, aquele que é especialista no assunto da webaula. Em média, numa disciplina de 40h/a, por exemplo, um professor-conteudista escreve quatro aulas. No que diz respeito à extensão e divisão do texto, cada aula deve ter entre 12 a 15 páginas (dependendo da disciplina e do conteúdo), com 3 a 4 divisões temáticas (tópicos de aula). Em relação à habilidade de escrita em contexto específico, o professor-conteudista deve conhecer o gênero webaula para que possa realizar no texto da webaula seu projeto de dizer. Como em EaD quase toda a comunicação está mediada por textos escritos, atender e respeitar as nuances tanto o gênero webaula como outros que existem dentro dela na hora de escrever é fundamental para ajudar os alunos-leitores a construir esquemas de

compreensão para esta situação de interação³. Este esquema é elaborado socialmente por meio das expectativas construídas previamente diante de um gênero no AVA, como é o caso da webaula.

Como já afirmamos, nosso propósito neste escrito é apresentar uma divisão do processo de produção de uma webaula. Operacionalizando esse objetivo, dividimos a produção escrita em cinco fases. Chamamos a primeira etapa do processo de escrita de **Produção Didática Individual**. Este se trata então do nível 1 de escrita, que toma os princípios pedagógico-narrativos⁴ como norteadores do processo. Nesta etapa, o conteudista se atém à escrita do conteúdo propriamente dito e escreve o texto da aula da disciplina em que ele é especialista. Nessa primeira versão da webaula, acontecem dois tipos de retextualização⁵: a) do escrito para o escrito, nesse caso, o professor conteudista toma textos científicos/acadêmicos escrito por outrem ou por ele mesmo e retextualiza em um texto didático em forma de aula; b) do oral para o escrito, nesse caso, o professor conteudista coloca na aula escrita o que ele diria oralmente numa aula em situação de interação face a face, comentários e exemplos, poderiam ser aspectos retextualizados.

Esta primeira versão é encaminhada pelo conteudista ao Designer Educacional (DE), que é especialista tanto no processo interpretação, avaliação e interferência/intervenção no escrito do conteudista quanto na negociação de sentido entre os

³ Consideramos aqui no ato de ler, o leitor, como construtor de sentidos, recorre a conhecimentos prévios que ele tem, os quais são armazenados na memória em esquemas cognitivos que, por sua vez, são construídos e reconstruídos à medida que o leitor experimenta situações de interação social. Para mais informações sobre a visão sociocognitiva da leitura, conferir Koch (2002; 2006)

⁴ Para esta classificação, tomamos como base os estudos de Almenara (2011).

⁵ Segundo Marcuschi (2007), a retextualização trata-se da transmutação de um texto de uma modalidade de uso da língua para outra: do oral para o escrito, do escrito para o oral; ou da transmutação de um texto em outro texto dentro da mesma modalidade: do oral para o oral ou do escrito para o escrito.

sujeitos-autores envolvidos na escrita da webaula. Geralmente tem formação acadêmica bastante variada. Em sua análise, o DE observa se o escrito se assemelha àquele esperado para o gênero webaula. Em seguida, avalia o texto com o foco no público, na linguagem e no gênero. Finalizando esta etapa, o sugere no texto do conteudista as modificações que julga necessárias para adequar aquele texto retextualizado do nível 1 a uma versão digital do futuro gênero multimodal webaula.

O DE, portanto, faz a adaptação do material escrito produzido na primeira etapa no formato impresso para o formato digital. Essas adaptações são negociadas diretamente com o conteudista, em idas e vindas de produção. Tem-se então a segunda etapa do processo de escrita, a da **Produção Didática Colaborativa**, o nível 2 de escrita. Nesse nível, também se tomam como princípios de escrita os pedagógico-narrativos, já que se trata especificamente da escrita do conteúdo informacional.

A seguir, tem-se um exemplo de como este processo de negociação de sentidos ocorre na produção da webaula. Podemos observar, nas barras de comentários à direita, dois sujeitos-autores “escrevendo” a webaula de forma colaborativa:

Figura 1. Fase da Produção Didática Colaborativa. Nível 2 de escrita

The image shows a digital interface for a lesson plan. On the left, there is a document titled "Aula 1 - A Língua Portuguesa como instrumento de interação social". It lists objectives and a topic. Below this, there is a paragraph of text and a yellow box with a link to an article by Vera Lúcia Feres. On the right side, there are two comment boxes. The top one is pink and contains a comment from "DÉBORA HISSA" dated 04/07/2014. The bottom one is white with a black border and contains a comment from "Sujeitos-autores na primeira versão da aula: conteudista e DI". At the bottom right, there is another comment box with a pink background, containing a comment from "DÉBORA HISSA" dated 04/07/2014, which includes a URL and a reference to the article by Vera Lúcia Feres.

Aula 1 - A Língua Portuguesa como instrumento de interação social

Objetivos

- Compreender o conceito de língua, linguagem e suas várias formas de expressão
- Conhecer os elementos do processo de comunicação
- Estudar as funções da linguagem a partir de seus contextos de uso

Tópico 1 - A Linguagem como facilitadora da interação social

Objetivos:

- Reconhecer a linguagem como forma de interação social
- Entender o conceito de língua e seus elementos constitutivos

entrevistada, mostrar que somos os melhores para aquela vaga. Agora, se estamos com nossos amigos ou com pessoas familiares numa festa, por exemplo, falamos de forma mais coloquial, descontraída, sem a preocupação de medalizar o discurso, pois nossa intenção é somente conversar, nos divertir. Ou seja, em situações informacionais em contextos diferentes, usaremos a linguagem de forma diferente.

Sueta Maia

O interessante artigo da professora Vera Lúcia Feres, disponível no endereço http://www.ufrpe.br/~index.php?option=com_content&view=article&id=12232, aborda a linguagem como prática social mediadora das relações socioculturais.

[DI] Convidante Débora:
04/07/2014 às 10:56
se trata de um texto de base a ser retextualizado

Sujeitos-autores na primeira versão da aula: conteudista e DI

[DI] Convidante Débora: Para o estudo proposto, acredito que o artigo de Vera Lúcia Feres, disponível no endereço http://www.ufrpe.br/~index.php?option=com_content&view=article&id=12232, aborda a linguagem como prática social mediadora das relações socioculturais. Referência: FERES, Vera Lúcia. A linguagem como prática social mediadora das relações socioculturais. In: *Revista de Sociologia e Antropologia*, vol. 36, n. 1, p. 101-118, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/ra>

DI: Débora

Na imagem do texto em construção, pode-se observar que o professor conteudista, a partir da Matriz DE da disciplina de Português Instrumental, escolheu um título (A Língua Portuguesa como instrumento de interação social); determinou três objetivos gerais que os estudantes devem atingir ao final da leitura da aula 1; elaborou um tópico de abertura (A Linguagem como facilitadora da interação social); construiu o texto de forma dialógica, sugeriu a inserção de um ícone Saiba Mais, etc. Depois dessa primeira versão feita pelo conteudista, o texto foi encaminhado para o DE, que propôs acréscimos/redução de conteúdo, palavras-chave que deveriam ser relacionadas ao ícone; links e imagens que deveriam aparecer em um gênero com características multimodais. Tudo isso por meio de um “diálogo” feito com o conteudista.

Na terceira etapa do processo de escrita de uma webaula, ocorre o que Garcez (2010) chama de reversibilidade, isto é, o retorno do texto com as intervenções escritas pelo DE ao conteudista. Sendo assim, de escritor, o conteudista passará a leitor do seu texto, analisando os comentários do DE e dando continuidade à negociação de sentidos do texto. Acontece uma nova fase de interação, na qual há o *feedback* do conteudista ao DE sobre as interferências que este fez no escrito no nível 2. Chamamos esta terceira etapa de **Produção Didática Mediada**. Ela configura o nível 3 de escrita, de acordo com a divisão que propomos. Esse nível também é pautado por princípios pedagógico-narrativos.

Em seguida, essa nova versão reescrita no nível 3 segue para um novo sujeito-autor, o revisor textual, configurando-se assim o nível 4 de interação escrita. Trata-se da etapa de **Produção Didática Pós-intervenção**, cujos princípios de produção passam a ser estético-linguísticos⁶, uma vez que o revisor tomará como base de escrita da webaula aspectos de textualidade⁷, de norma gramatical⁸ e de convenções de escrita⁹.

⁶ Classificação sugerida pelas autoras com base nos estudos de Almenara (2011).

⁷ Os aspectos de textualidade dizem respeito àqueles que contribuem para o estabelecimento da coerência do texto (referenciação, coesão sequencial,

Ele colaborará na escrita da webaula tanto na revisão textual, quanto no acréscimo ou na modificação no que se refere a aspectos de apresentação conteúdo, considerando-se que, no IFCE, o revisor analisa a textualidade do escrito. Este sujeito também “dialoga” com o conteudista por meio de mediação feita pelo DE.

Com a escrita do revisor, tem-se a terceira versão da webaula. Esta versão é novamente encaminhada para o DE (ou volta para o conteudista se houver muitas modificações de conteúdo) para que sejam feitas as alterações e para que a webaula atinja a quarta versão, e chegue finalmente ao nível 5. A **Produção Didática Multimodal** ocorre na quinta etapa do processo de escrita da webaula. Os princípios norteadores passam a ser estético-multimodais¹⁰. Nela dois outros sujeitos-autores entraram no processo de escrita: o diagramador (especialista na interface em EaD) e o ilustrador (especialista em imagens). Vejamos um exemplo de interação entre os sujeitos autores no nível 5, a seguir.

informatividade, intertextualidade, aceitabilidade, intencionalidade, situacionalidade).

⁸ Neste caso, analisam-se aspectos sintáticos como concordância, regência, colocação de pronomes, entre outros aspectos formais.

⁹ Entende-se por convenções de escrita regras de ortografia, acentuação e pontuação.

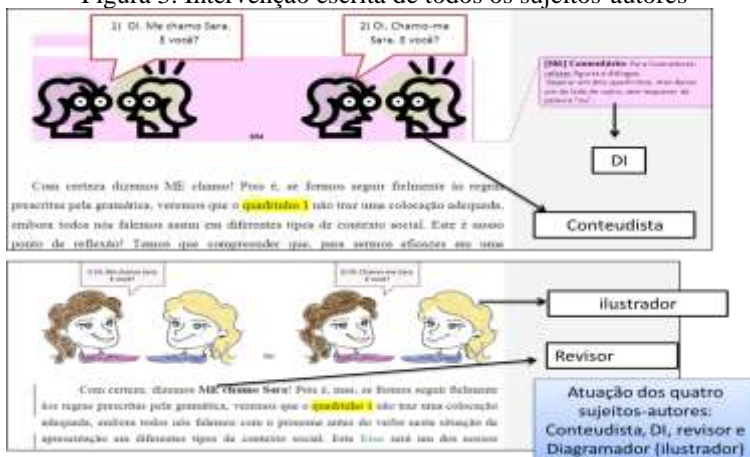
¹⁰ Fase de transformação do material em webaula e finalização da webaula (criação de imagens, recursos interativos/postagem imagens, vídeos, animações, áudio, etc.)

Figura 2. Modificação na imagem da webaula feita pelo ilustrador



A seguir, encontra-se um exemplo de negociação de sentido em que podemos distinguir todos os sujeitos-autores envolvidos no processo de escrita da webaula:

Figura 3. Intervenção escrita de todos os sujeitos-autores



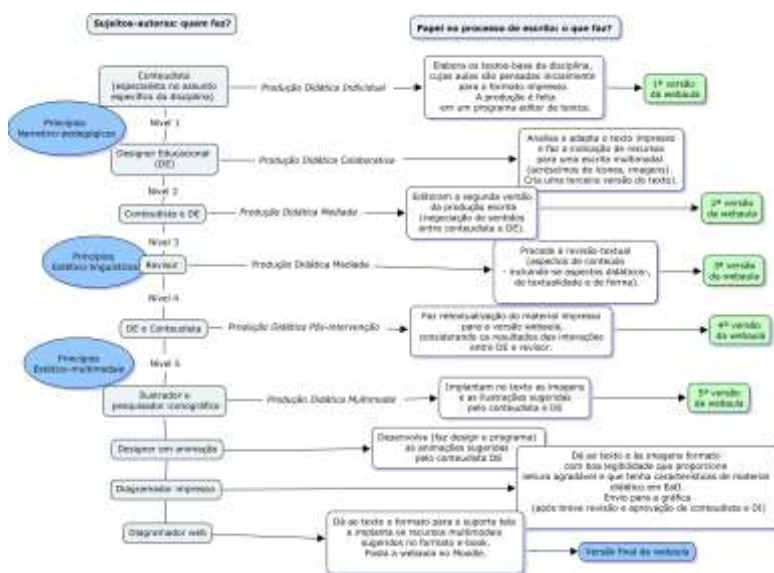
Depois de finalizado o processo de escrita da webaula, ela é inserida no Ambiente Virtual de Aprendizagem com a interface de um e-book interativo. Vejamos a figura a seguir.

Figura 4. Webaula de Português Instrumental no AVA com a interface de e-book interativo



Como se vê pela descrição do processo de escrita, a webaula reúne vários sujeitos-autores para que a produção desse gênero se concretize. Tudo isso o torna um gênero de escrita colaborativa e com características muito peculiares de produção. Estruturamos um quadro síntese do processo de escrita. Nele descrevemos os sujeitos envolvidos e o papel que exercem na produção.

Figura 1 – Níveis de Escrita e funções da equipe multidisciplinar.
Fonte: DEaD-IFCE



É a partir dessa organização sistemática de escrita colaborativa que se produz uma webaula no IFCE. As webaulas, obviamente, não são iguais, porque os sujeitos que as escrevem também não o são. Eles trazem concepções de escrita diferentes, perspectivas de linguagem distintas, conhecimentos conceituais e letramentos diferentes. O processo de idas e vindas na construção de sentidos, no entanto, é sempre mantido nessa escrita colaborativa.

Considerações Finais

Partimos de alguns pressupostos para organizar e analisar o processo de escrita da webaula: 1. este gênero reúne características do gênero oral aula, de gêneros escritos de cunho científico, de cunho didático (a própria escrita didática) e de gêneros que circulam no domínio hipertextual (aspectos

multimodais e hipertextuais), tratando-se, portanto, de um gênero híbrido com características muito peculiares de produção colaborativa; 2. há cinco etapas bem definidas de produção escrita de uma webaula (no contexto do IFCE): *Produção didática individual*, *a produção colaborativa*, *a produção mediada* – em que se tomam como base os princípios pedagógicos-narrativos –, e a *Produção didática pós-intervenção*, e *a produção multimodal* – que têm como base os princípios estéticos-linguísticos e estéticos-multimodais, respectivamente; 3. há cinco níveis de escrita e cinco versões da webaula (que corresponde a cada uma das etapas); 4. Retextualização e reversibilidade são procedimentos linguísticos que se estabelecem no decorrer das etapas de escrita e que proporcionam um novo texto.

Além de tudo isso, neste processo de escrita, os sujeitos-autores devem levar em conta a correspondência entre os conteúdos, os links, os ícones, a utilização de outras mídias além da escrita na tela (áudios, imagens estática ou em movimento, simulações, etc.), a interface, etc. Em resumo: para que a aula seja produzida adequadamente todos os sujeitos devem ter letramento digital suficiente para escreverem o gênero uma webaula (ou a falta de letramento de uns deve ser compensada por outros) e não um texto que mais se assemelhe a outro gênero que pode e é usado em contexto pedagógico, mas que não substitui a webaula porque apresenta outro propósito discursivo, como um artigo científico, por exemplo. E mais: como a webaula é um gênero do domínio hipertextual, os autores têm de estabelecer uma estrutura de escrita que também favoreça diferentes formas acessos à informação; que estimule a pesquisa em outras fontes, em outros gêneros que existem na hipermídia, a fim de apresentar diferentes pontos de vista sobre o tema que está é abordado na webaula. Por isso, os sujeitos-autores não podem esquecer que escrever para um Ambiente Virtual de Aprendizagem requer conhecimento da escrita multimodal na qual se realiza o texto da aula na web, uma vez que os alunos adotarão diferentes estratégias de leitura diante de um gênero acadêmico hipertextual.

Vimos que tanto o processo de retextualização quanto de reversibilidade alteram o projeto de querer-dizer do sujeito-autor e proporcionam o início de um novo processo de escrita. Daí a importância de estudá-los e descrevê-los. A divisão das etapas, dos níveis e a consideração dos princípios norteadores da escrita nos permitem analisar os modos de participação/colaboração dos sujeitos-autores no processo de escrita da webaula e a articulação de distintas linguagens no formato virtual como uma nova forma de autoria.

Referências

ALMENARA, J. C. Las Web para la formación. In: SALINAS, AGUADED E CABERO (coords). *Tecnologías para la Educación: diseño, producción y evaluación de medias para la formación docente*. Madrid, Alianza Editorial. 5ª edição. 2011.

ARAÚJO, N.M; HISSA, D.L.A; ZAVAM, A. *Escrita em EaD: análise da webaula como gênero discursivo de escrita colaborativa*. In: III Colóquio Luso-Brasileiro de Educação a Distância e E-learning. Anais. Lisboa: Universidade Aberta: 2013. ISBN: 978-972-674-738-3. Disponível em: <http://lead.uab.pt/OCS/index.php/CLB/club/paper/viewFile/109/205>

ARETIO. L. G. *La educación a distancia: de la teoría a la práctica*. 4 ed. Barcelona: Editorial Planeta S.A., 2011. 328 p.

ASINSTEN, Juan Carlos. *Producción de contenidos para Educación Virtual*. Biblioteca Virtual Educa. Publicación en línea, 2007.

BATISTA. M. A.H. *Consideraciones para el diseño didáctico de ambientes virtuales de aprendizaje: una propuesta basada en las funciones cognitivas del aprendizaje*. Revista Iberoamericana de Educación. v. 5, n. 38, México. 2006. Disponível em: <http://www.rieoei.org/deloslectores/352Herrera.PDF>. Acesso em: 3 maio 2014.

FRANCO, M. D. G; HUEROS, A. D. Diseño y producción de páginas web educativas. In: SALINAS, AGUADED E CABERO (coords). *Tecnologías para la Educación: diseño, producción y evaluación de medias para la formación docente*. Madrid, Alianza Editorial. 5ª edição. 2011.

GARCEZ, L.H.C. *A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto*. Brasília: UNB, 1998.

MARCUSCHI. L. A. *Da fala para a escrita: atividade de retextualização*. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

RODRÍGUEZ DA LAS HERAS. *El tercer espacio*. Madrid, 2002. Disponível em: rodriguezdelasheras.es. Acesso em: 20 de abril de 2014.

